

A Essência Administrativa: O Dom de Reinar¹

ODIRLEI ARCANGELO LOVO

Docente: UNIR/RO – Universidade Federal de Rondônia

Doutor em Teologia: PUC/PR

Mestre em Administração: FEAD-MG

Bacharel em Ciências Contábeis: UNIR/RO

ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-0576-9284>

Resumo

O mandado e o chamado ao ser humano à Criação é um domínio no amor e no Espírito Criador, neste sentido, a pessoa é chamada à esponsalidade com Deus; para que possa, mediante o Si de Deus, que habita o íntimo de cada pessoa, ser o ato administrativo e cocriador de Deus na Criação em desenvolvimento. Desta forma, à medida que o ser humano edifica a criação, edifica a si mesmo e desenvolve o reino de Deus. O administrar o reino de Deus se faz mediante o realizar-se no Jeito de reinar de Deus. A proposta de narrar o ser humano administrador e cocriador da obra de Deus, tem por base os documentos da Doutrina social da Igreja e os documentos que elucidam a vida e vivência da família ‘moral familiar’. Pontua-se sobre as dimensões de sociabilidade, de economicidade e de parentalidade, sustentando que está é a base, com a qual o ser humano administra a obra de Deus. Quando se diz que o reino de Deus se faz aos cuidados de cada pessoa, se enfatiza que o jeito de Deus reinar é possibilitado à vida humana.

Palavras-chave: Ação humana. Ação de Deus. Esponsalidade. Essência Administrativa. Cocriação.

Abstract

The mandate and the call to the human being to Creation is a domain in love and in the Creator Spirit, in this sense, the person is called to responsibility with God; so that, through the Self of God,

¹ Administrative essence: the gift of reigning

which dwells within each person, it can be the administrative and co-creative act of God in the developing Creation. In this way, as the human being builds up creation, builds himself up and develops the kingdom of God. The administration of the kingdom of God is done, through the fulfillment of God's Way of reigning. The proposal to narrate the human being, administrator and co-creator of the work of God, is based on the documents of the social doctrine of the Church and the documents that elucidate the life and experience of the family 'family morals'. The dimensions of sociability, economics and parenting are pointed out, maintaining that this is the basis, with which the human being administers the work of God. When it is said that the kingdom of God is done in the care of each person, it is emphasized that God's way of reigning is made possible for human life.

Keywords: Human action; God's action; Spousality; Administrative Essence; Co-creation.

INTRODUÇÃO

A essência administrativa – o Si de Deus, habita o íntimo de cada pessoa, possibilita ao ser humano o diálogo amoroso com o Criador. Quando o ser humano se desenvolve em sponsalidade, se faz em essência administrativa, o agir é o prover de profunda reflexão e oportuno *timing*, é, portanto, um agir que supera a cronologia e se faz a edificar a escatologia da vida, que já é eterna.

O ser humano, *homo ad-miniter*, se desenvolve no cuidado e no amor ao próximo, à natureza e em sua relação de sponsalidade com o Criador. Cada pessoa é chamada ao amor, a envolver-se na obra de Deus, a se proliferar e ser o ato administrativo de Deus na Criação.

É preciso que se pontue sobre a exploração predatória da natureza e dizer que esse gesto é promotor de um lucro na vida sem amor, gerando excluídos e exclusividades. O reino de Deus, a forma de Deus reinar e agir, acontece no cuidado ao pobre, ao excluído e ao marginalizado, é preciso que o gesto humano se faça à imagem e semelhança de Deus. é preciso ainda preconizar que a riqueza de uma vida sem comunhão e sponsalidade com o Criador, se faz,

necessariamente, na pobreza e exclusão das pessoas que Deus convida à participarem de sua Santa Ceia.

A pesquisa que possibilitou este artigo, permitiu aos pesquisadores aproximarem-se dos objetivos e fomentar narrativas verificáveis. A pesquisa foi desenvolvida sobre afirmativas administrativas e teológicas e enquanto *'pano de fundo'* fomenta-se a parentalidade, a economicidade e a sociabilidade humana.

É afirmativa a associação e inter-relação, enquanto metodologia, entre Teologia e Administração, de modo que, realizar a vontade de Deus – esponsalidade – significa administrar a criação e, por isso, há *práxis* teológica e, à medida que se faz teologia, compreende-se como administrar a Criação e, neste sentido, subentende-se que “a vida que Deus oferece ao homem, *é um dom, pelo qual Deus participa algo de Si mesmo à sua criatura*²”.

Eis que “Iahweh Deus tomou o homem e o colocou no jardim de Éden para o cultivar e o guardar” (Gn 2,15). Sendo dever do ser humano cultivar o jardim, insere-se o momento posterior, a necessidade de administrar e cocriar. Administrar e dar significado, sentido e possibilidades ao que existe, avançando sobre o que não é possibilitado, mas que se alça em ser possibilitado, no futuro, pela ação humana, mediante a essência administrativa.

O humano sempre se *des-envolve*, mediante a essência administrativa e se torna ato administrativo de Deus na criação. Enseja-se que a esperança é constitutiva da ação necessária em perspectiva do reino esperançado, é preciso compreender que “a interpretação correta do conceito de ser humano como senhor do universo é entendê-lo no sentido de administrador responsável³”.

Procura-se a elucidação de questões que estão relacionadas ao ser humano, vertendo-se a compreendê-lo como administrador da obra de Deus. Mediante os procedimentos metodológicos, conduziu-se às possibilidades, às interpretações e às informações, na afirmativa que “uma narrativa é composta por uma sequência singular de eventos, estados mentais, ocorrências envolvendo seres humanos como personagens ou autores⁴”.

² JOÃO PAULO II. *Evangelium vitae*. Roma: Libreria Editrice Vaticana, 1995. (EV 34).

³ FRANCISCO. *Laudato Si'*. Roma: Libreria Editrice Vaticana, 2015. (LS 116)

⁴ BRUNER, J. *Atos de significação*. 2. ed. Trad. Sandra Costa. São Paulo: Artmed, 2002. Pág. 46

A narrativa tem por finalidade explorar, aprofundar e dar respostas às particularidades, onde a realidade não pode, ou não deve ser quantificada, particularizando ainda que, “Uma verdadeira pesquisa narrativa é um processo dinâmico de viver e contar histórias, e reviver e recontar histórias⁵”.

Para explorar o universo dos significados, das aspirações, das crenças, dos valores e *práxis* humana, utilizou-se, para a narrativa, dois núcleos fundamentais de dados, textos e informações, a saber: os documentos que constituem a (DSI) – Doutrina Social da Igreja; e os documentos que elucidam o projeto, a vivência e a dinâmica familiar, segundo a igreja católica. O uso desses dois núcleos tem por base, sua universalidade, isto é, são documentos que se destinam a toda a humanidade, diante dos dons de cada pessoa.

Cada um dos itens da pesquisa foi desenvolvido, tendo por base os textos/documentos apresentados. Como pontos de discernimento, pesquisou-se fontes/obras para dar às narrativas, sentido de diálogo, com fundamentações de teólogos que não estão inseridos nos dois núcleos apresentados. As obras foram escolhidas pelo próprio pesquisador, tendo como critério a afinidade com o texto, sendo este o critério metodológico para sua escolha.

1.1. DOMINIO E ESPONSALIDADE

Amar a Deus sobre todas as coisas tem por base reconhecer as próprias limitações, não ser causador de si mesmo e ser plenamente amado por Deus, que criou o ser humano em seu próprio mistério de amor. Esse é o princípio e o caminho à sponsalidade, e dessa à iminência da essência administrativa, que clama por uma nova lógica das coisas.

É a vida humana que se edifica e solícita a transformar as coisas, exigindo criatividade e esperança, mesmo porque, “criando um mundo necessitado de desenvolvimento, onde muitas coisas que consideramos males, perigos ou fontes de sofrimento, na realidade fazem parte das dores de parto que nos estimulam a colaborar com o Criador⁶”

Isso vale igualmente para educar dos filhos, em suas dimensões de economicidade, de sociabilidade e de parentalidade,

⁵ CLANDININ, D. Jean. CONELLY, F. Michael. **Pesquisa narrativa: experiências e história na pesquisa qualitativa**. Tradução: Grupo de Pesquisa Narrativa e Educação de Professores ILEEL/UFU. Uberlândia: EDUFU, 2011. Pág. 18.

⁶ FRANCISCO. **Laudato Si'**. 2015. (LS 80).

onde “Marcados por circunstâncias tão complexas, muitos dos nossos contemporâneos são incapazes de discernir os valores verdadeiramente permanentes e de os harmonizar com os novamente descobertos”. É preciso que o agir humano tenha por base a esponsalidade com o Criador e, assim, mediante a essência administrativa, possa observar o que há de proibido em cada novo fruto/conhecimento humano.

O conhecimento alcança tão longe quanto o próprio amor, isso possibilita ampliar a capacidade de realizar o amor; é preciso afirmar que “a crise obriga-nos a projetar de novo o nosso caminho, a impor-nos regras novas e encontrar novas formas de empenhamento, a apostar em experiências positivas e rejeitar as negativas⁸”.

Desenvolve-se a criação à medida que se cocria e administra a obra de Deus e, nesse sentido, “domínio humano sobre a terra é domínio feudal para Deus, é administração da terra para Deus⁹”. O ser humano é edificado por Deus no *húmus* da terra, no chamado e no mandado de Deus, sendo, portanto, capaz de conhecer a obra que cocria e administra com Deus. Assim, toda pessoa deve ver,

Este mundo como possibilidade e tarefa, que Deus ama como mundo profano e feito pelo próprio homem, e assim o faz crescer, tornou-se em relação ao anterior, imensamente maior e, a despeito de toda sua miséria, imensamente mais glorioso¹⁰.

Cada pessoa é uma possibilidade de que a criação se torne gloriosa, repleta do próprio amor de Deus, pois, “quem compreende a natureza como criação de Deus, não vê nela apenas as ‘obras’ de Deus, mas também os ‘rastros/vestígios de Deus’, os códigos e sinais ocultos da sua presença¹¹” Sobre esses preceitos é compreensível que “a supremacia categórica de Deus é tal que aquele que confere o ser à realidade é capaz de atuar potentemente nesse ser, de modo direto, porém mediado¹²”.

Não há dúvida quanto à capacidade de discernimento, que possibilita ao ser humano compreender, por intermédio da ciência que

⁷ PAULO VI. *Gaudium et Spes*. Roma: Libreria Editrice Vaticana, 1965. (GS 4).

⁸ BENTO XVI. *Caritas In Veritate*. Roma: Libreria Editrice Vaticana, 2009. (Civ 21).

⁹ MOLTIMANN, JURGEN. *Deus na criação: doutrina ecológica da criação*. Tradução: Haroldo Reimer; Ivoni Richter Reimer. Petrópolis: Vozes, 1993. Pág. 323.

¹⁰ RAHNER, Karl. *Teologia e Antropologia*. São Paulo, SP: Edições Paulinas, 1969. Pág. 253.

¹¹ MOLTIMANN, 1993, p. 103.

¹² SPONHEIM, Paul R. *O conhecimento de Deus*. In: BRAATEN, CARL E.; JENSON, ROBERT W. (editores). *Dogmática Cristã*. São Leopoldo, RS: Sinodal, 1987. p. 203-272. Pág. 213.

conduz à consciência, o bem e o mal e, nesse sentido, “a crise torna-se ocasião *de discernimento e elaboração de nova planificação*. Com esta chave, feita mais de confiança que resignação, convém enfrentar as dificuldades da hora atual¹³”.

“O saber humano é insuficiente e as conclusões das ciências não poderão sozinhas indicar o caminho para o desenvolvimento integral do homem. Sempre é preciso lançar-se mais além: exige-o a caridade na verdade¹⁴”, Então, é possível enfatizar que, “Deus confiou à família o projeto de tornar ‘doméstico’ o mundo, de modo que todos cheguem a sentir cada ser humano como um irmão¹⁵”.

Em relação à ciência, essa nunca será adversária do ser humano, por ser decorrência daquilo que o ser humano é, administrador e cocriador que, em obediência e esponsalidade colabora com Deus, desvendando e desenvolvendo os mistérios de amor no Reino.

Indaga-se então, a presença humana se faz propósito na onipresença Divina? A ciência humana se faz propósito na onisciência Divina? A potência humana se faz propósito na onipotência Divina? O fato é que o ser humano, no Chamado de Deus e no Mandado de Deus, eleva a própria vida a um horizonte de plenitude para o qual precisa se desenvolver.

1.2. O *HOMO ADMINISTER*: DESENVOLVIMENTO CUIDADO E AMOR

O desenvolvimento da vida humana é possibilitado pelo próprio Criador, que infundiu na Criação o necessário para que o ser humano possa edificar a própria vida e o reino, a partir das coisas criadas, “Deus escreveu um livro estupendo, ‘cujas letras são representadas pela multidão de criaturas presentes no universo’¹⁶” e por isso, cada pessoa tem o dever de cocriar e administrar a obra de Deus.

A solidão original mostra também, que o ser humano, não é o criador de si mesmo, e que, são criados cocriadores e administradores. O ser humano é o *homo ad-minister*, por isso, “a criação inteira juntamente com toda a humanidade aguarda o Redentor: submetida à

¹³ BENTO XVI. *Caritas In Veritate*. 2009. (CiV 21).

¹⁴ BENTO XVI. *Caritas In Veritate*. 2009. (CiV 30).

¹⁵ FRANCISCO. *Amoris laetitia*. Roma: Libreria Editrice Vaticana, 2016. (AL 183).

¹⁶ FRANCISCO. *Laudato Si'*. 2015. (LS 85).

caducidade, avança plena de esperança, entre gemidos e dores de parto, esperando ser libertada da corrupção (cf. Rm 8, 18-22)¹⁷”.

É notório que “sentir cada criatura que canta o hino da sua existência é viver jubilosamente no amor de Deus e na esperança¹⁸”, a natureza não é fonte da revelação de Deus, vê-se na natureza que há um Criador, compreendem-se os sinais de amor e esperança de um Reino harmonioso e escatológico.

A natureza, em seu hino de existência, direciona a vida humana, mediante a capacidade de escutar e ouvir, mas, isso está para além do sentido auditivo; é sim uma expectativa que direciona a ‘Ouvir’ a Voz de Deus. Na revelação, e mediante a essência administrativa, cada ser humano é instigado ao cultivo e cuidado da natureza, na dependência que se tem da criação, mas também na responsabilidade. O ser humano é capaz e os dados instigam cada vez mais a consciência de ser o *homo ad-minister* da criação.

A ciência é sempre uma aliada do ser humano, ela desenvolve algo novo e possibilita às pessoas terem esperança. Salienta-se que, não é uma questão de encontrar na criação o fruto proibido, mas de se perceber o que há de proibido em cada fruto, percepção que se realiza em esponsalidade com o Criador.

E sobre tais dados Moltmann, indaga: “será que o criador necessita de um representante e administrador na terra?¹⁹” E diante da indagação responde, “parece que sim, pois Ele encarrega a pessoa de proteger e de continuar o lado terrestre da criação, a qual, com o sábado, encontrou sua forma inicial. As pessoas tornam-se sujeitos da história da terra que continua²⁰”.

Estar em *práxis* é pensar e analisar adequadamente o que fazer em relação ao projeto de Deus. É dar a ação necessária ao que se ora a Deus, ou seja, é uma ora+ação, e sendo enfático evidenciar “que a salvação do homem não depende somente da ideia, mas da contingência concreta da historia real²¹”.

O desenvolvimento não é um mal para o ser humano, o mal é utilizar-se, e/ou apropriar-se do desenvolvimento e seus frutos, gerando pobreza, empobrecimento, situações terríveis onde se veem ricos e pobres, limitações e situações de humilhação à pessoa. Nesse

¹⁷ JOÃO PAULO II. *Compêndio da Doutrina Social da Igreja*. Roma: Libreria Editrice Vaticana, 2004. (CDSI 123)

¹⁸ FRANCISCO. *Laudato Si'*. 2015. (LS 85).

¹⁹ MOLTSMANN, 1993, p. 323.

²⁰ MOLTSMANN, 1993, p. 323.

²¹ RAHNER, 1969, p. 128.

sentido, algumas pessoas “julgam-se grandes, porque sabem mais do que os outros, dedicando-se a impor-lhes exigências e a controlá-los, quando, na realidade, o que nos faz grandes é o amor que compreende, cuida, integra, está atento aos fracoss²²”.

A ciência não pode ser pensada sem a esponsalidade com o Criador, quando se diz que se deve possibilitar a práxis do que se ora a Deus, enfatiza-se que o agir é oração. Por isso, ora+ação, é a busca de como fazer ao lado de Deus, por que “A ciência incha’, ao passo que ‘a caridade edifica’ (1Cor 8, 1)²³”. A pobreza de que se fala, é a pobreza que não é uma opção de vida, portanto, gera carência e humilhação, é uma situação para qual a pessoa é levada contra sua vontade.

Enfatiza-se que, pobreza não se trata apenas da pobreza econômica, mas que diversas são as formas de pobreza, dentre elas a cultural, a religiosa, e “uma das pobrezas mais profundas que o homem pode experimentar é a solidão²⁴”. A solidão original é a desesperança na possibilidade de continuidade da obra de Deus, é o assombro à vida humana que se depara com uma criação sem Criador.

Pode-se dizer que, ninguém é pobre, mas que é empobrecido, e que ao ver a doença, não tem como curá-la mesmo existindo a possibilidades, diante das mãos humanas. E o ser humano se põe a cercear a potência, presença e a ciência de Deus, que se realiza mediante o agir humano.

1.3. O LUCRO DE UMA VIDA SEM AMOR

A solidão original e a descartabilidade humana, fomentam a avareza, o individualismo e a meritocracia, definindo quem é o dominador e quem são os dominados, fomentando uma vivência que entorpece a vida humana. O ser humano, como senhor de si mesmo, se finda na solidão original, no vazio de uma criação sem Criador, por isso, há que se ressaltar que “uma das maiores pobrezas da cultura atual é a solidão, fruto da ausência de Deus na vida das pessoas e da fragilidade das relações²⁵”.

E sob a ótica da solidão e da avareza, há que se apontar que “o objetivo exclusivo de lucro, quando mal produzido e sem ter como fim último o bem comum, arrisca-se a destruir riqueza e criar pobreza²⁶”.

²² FRANCISCO. *Amoris laetitia*. Roma: Libreria Editrice Vaticana, 2016. (AL 97).

²³ FRANCISCO. *Amoris laetitia*. 2016. (AL 97).

²⁴ BENTO XVI. *Caritas In Veritate*. 2009. (CiV 53).

²⁵ FRANCISCO. *Amoris laetitia*. 2016. (AL 43).

²⁶ BENTO XVI. *Caritas In Veritate*. 2009. (CiV 21).

Todas as vezes que se gera lucro, mediante a exploração predatória, no fundo, o que se gera é pobreza e exclusão. Sob o ápice de realizar o enriquecimento e a soberba do indivíduo, é o reino de Deus que se está afetando e, com isso, se nega o desenvolvimento do ser que é imagem e semelhança de Deus, ser que tem a livre missão de ser um sinal de amor.

A dificuldade de aderir ao projeto de Deus movimenta-se no sentido de estabelecer as conquistas em benefício próprio, e em desfavorecimento dos que são, por isso, marginalizados. “Vistas bem as coisas, as outras pobreza, incluindo a material, também nascem do isolamento, de não ser amado ou da dificuldade de amar. As pobreza frequentemente nascem da recusa do amor de Deus²⁷”.

Preza-se que as possibilidades de uns não constituam a ausência de subsídios às necessidades de outros, porque a classificação dos seres humanos, na verdade provoca “uma sensação geral de impotência face à realidade socioeconômica que, muitas vezes, acaba por esmagar as famílias²⁸”.

Ainda que, “se quisermos frear a destruição da natureza, teremos que modificar as relações econômicas e sociais da sociedade humana²⁹”, esses elementos predizem a vida humana, enquanto administradores e cocriadores da criação, da qual se é parte, e sobre a qual se edifica a vida humana.

Crê-se que o ser humano é à imagem e semelhança de Deus, a vida e a vivência com cada pessoa, revela a relação com o próprio Deus. É preciso crer que “todos tenham qualquer coisa a dar e a receber, sem que o progresso de uns seja obstáculo ao desenvolvimento dos outros³⁰” ou, do contrário, as famílias sentir-se-ão “abandonadas pelo desinteresse e a pouca atenção das instituições³¹”.

Triste momento é quando “o tempo do relógio quantifica tudo da mesma forma. O relógio tornou-se, por isso, no medidor de tempo onipresente e onipotente na sociedade industrial moderna³²”. Com o olhar atento ao termo trabalho, *práxis* de amor, fruto decorrente da essência administrativa, é possível equacionar e indagar-se: – Quantas horas de trabalho são necessárias entre o trabalho a ser executado e a quantidade de pessoas aptas ao trabalho?

²⁷ BENTO XVI. *Caritas In Veritate*. 2009. (Civ 53).

²⁸ FRANCISCO. *Amoris laetitia*. 2016. (AL 43).

²⁹ MOLTSMANN, 1993, p. 47.

³⁰ BENTO XVI. *Caritas In Veritate*. 2009. (Civ 39).

³¹ FRANCISCO. *Amoris laetitia*. 2016. (AL 43).

³² MOLTSMANN, 1993, p. 191.

Essa é uma equação simples, permite que todos tenham suas necessidades satisfeitas, e que a tecnologia desenvolvida, mediante a ciência humana, não deve gerar desemprego, mas uma vida melhor às pessoas e a todo o gênero humano e, por este, a toda a criação de Deus. Quando se delimita a quantidade de horas trabalhadas por pessoa, faz com que as necessidades de uns, sejam invalidadas pelas possibilidades de outros, isto é, o excesso de trabalho de uns, significa exatamente, a ausência de trabalho para os outros.

A absolutização do tempo, para o indivíduo avarento consiste em afirmar que *‘o tempo é dinheiro’*. O relógio determina a negação de que “todo o trabalhador é um criador³³”, fomentando um trabalho que não edifica a família humana, de modo que Francisco (2016) salienta que, “as possibilidades para os jovens são poucas e a oferta de trabalho é muito seletiva e precária. As jornadas de trabalho são longas e, muitas vezes, agravadas pelo tempo gasto na deslocação³⁴”.

O espírito empresarial, antes de ter significado profissional, possui um significado humano; está inscrito em cada trabalho, visto como *‘actus personæ’*, pelo que é bom oferecer a cada trabalhador a possibilidade de prestar a própria contribuição, de tal modo que ele mesmo ‘saiba trabalhar ‘por conta própria³⁵’.

Diante das injustiças da exploração predatória, o contexto socioeconômico deteriora-se, e é possível afirmar os prejuízos, para a parentalidade, observando que, “isto não ajuda os esposos a encontrarem-se entre si e com os filhos, para alimentar diariamente as suas relações³⁶”.

Não se trata de ver abismo entre as gerações, mas a aliança, “daí que, agitados entre a esperança e a angústia, sentem-se oprimidos pela inquietação, quando se interrogam acerca da evolução atual dos acontecimentos. Mas esta desafia o homem, força-o até a uma resposta³⁷”. A realização de uma vida harmoniosa com a criação, no respeito, e na prosperidade, participativa e compartilhada dos bens que há no mundo, é a realização da vontade de Deus, sob o agir humano.

³³ BENTO XVI. *Caritas In Veritate*. 2009. (Civ 41).

³⁴ FRANCISCO. *Amoris laetitia*. 2016. (AL 44).

³⁵ BENTO XVI. *Caritas In Veritate*. 2009. (Civ 41).

³⁶ FRANCISCO. *Amoris laetitia*. 2016. (AL 44).

³⁷ PAULO VI. *Gaudium et Spes*. 1965. (GS 4).

1.4. FILHOS: MULTIPLIQUEM-SE E DESENVOLVAM A TERRA

É na formação da consciência humana que se deve, com o trabalho, apresentar o caminho edificado por Cristo às vidas humanas, e que consiste em fazer e estar em sponsalidade com Criador, de forma que é em Cristo que o humano conhece a face do próprio ser mediante a eternidade que se apresenta ao Reino em desenvolvimento, – é em Cristo que o ser humano se torna capaz de conhecer sua própria face. Desfazer a solidão original é permitir ao humano responder à sua função/vocação de cocriador e administrador do reino, por isso, cada nova descoberta é a sponsalidade com o Criador que possibilita continuar sendo cocriador e administrador da criação de Deus. É notório que, nesse contexto é preciso compreender que a expressão “é dele o reino de Deus” (MT 5,3) se referencia a um reino onde as pessoas se direcionam ao próximo, de forma a exaurir a pobreza e a exclusão.

A simplicidade é percebida na infância do ser, na sua credulidade, e na sua capacidade de amar, a tal ponto que Jesus enfatiza, “deixai vir a Mim os pequeninos e não os impeçais, pois deles é o reino de Deus³⁸”. Toda ciência deve ser algo de novo que permita aos pobres/pequeninos terem esperança de ser melhores no tempo e a sociabilidade humana possibilita compreender que,

O mesmo Deus que disse "não é bom que o homem esteja só" (Gn 2, 18) e que "desde a origem fez o ser humano varão e mulher" (Mt 19, 4), querendo comunicar uma participação especial na sua obra criadora, abençoou o homem e a mulher dizendo: "crescei e multiplicai-vos" (Gn 1, 28)³⁹.

O ser humano é Criado no chamado a Deus e no mandado de Deus, para, assim, ser aquilo que Deus seria, se fosse criatura submetida ao tempo, “a criatividade humana e o controle sobre a natureza deve ser exercido em resposta a este chamado divino, deve ‘imitar os modos divinos’ e se colocar a serviço da ‘causa divina’⁴⁰”.

Os elementos da essência administrativa permitem “cultivar e guardar a criação” (Gn 2,15) no mandamento de “sede fecundos, multiplicai-vos e submetei a terra” (Gn 1,28) de tal modo que “o

³⁸ JOÃO PAULO II. *Familiaris Consortio*. Roma: Libreria Editrice Vaticana, 1981. (FC 26).

³⁹ JOÃO PAULO II. *Evangelium vitae*. Roma: Libreria Editrice Vaticana, 1995. (EV 43).

⁴⁰ SANCHES, Mário Antônio. *Brincando de Deus(!) (?): bioética e as marcas sociais da genética*. 1. ed. São Paulo: Ave Maria, 2007. Pág. 151).

*mundo se oferece ao olhar do homem como rastro de Deus, lugar no qual se desvela a Sua força criadora, providente e redentora*⁴¹, é nesta responsabilidade e fecundidade que a pessoa é chamada a viver, “O gravíssimo dever de transmitir a vida humana, pelo qual os esposos são os colaboradores livres e responsáveis de Deus Criador, foi sempre para eles fonte de grandes alegrias⁴²”, há de se pontuar que todo esse agir é também permeado por “dificuldades e angústias⁴³”.

A esponsalidade com o Criador possibilita a essência administrativa porque “a ordem moral não pode existir sem Deus: separada dele, desintegra-se. O homem, pois, não é formado só de matéria, mas é também um ser espiritual, dotado de inteligência e liberdade⁴⁴”. É o próprio Cristo quem diz “se não ama a teu próximo a quem vê, não ama a Deus a quem não vê” (1JO 4,20), a sociabilidade é dimensão humana, portanto, constitutivo do ser. É na dimensão de sociabilidade que se prolifera o amor.

É na parentalidade que o amor é despertado, para que de futuro se possa ter mais um administrador e cocriador da obra de Deus. A humanidade se inicia na concepção biológica e a dignidade da pessoa nunca pode ser dissociada desse fato, a constituição biológica é compreensão de ser criatura, é compreensão de que, há algo que precede a vida humana, a genealogia de cada pessoa com Deus.

1.5. O REINO DE DEUS AOS CUIDADOS HUMANOS

O ser humano é a sabedoria, necessária, para que todos os outros seres possam viver harmonicamente os Reinos de Deus, mas, os outros seres são fontes que revelam a sabedoria basilar do que é capaz o humano. A razão da pessoa está intimamente ligada à corporeidade, à vida, e à vivência humanas; é no outro que se descobre, movimenta, aprende a sentir e se desperta para a economicidade, necessária para se dispor em família a edificar o reino, conforme a vontade do Criador. O humano deve pensar na criação como criatura, pois toda a criação está sob as mesmas condições e aos cuidados humanos, “o coração é um só, e a própria miséria que leva a maltratar um animal não tarda a manifestar-se na relação com as outras pessoas. Todo o encarniçamento contra qualquer criatura é contrário à dignidade

⁴¹ JOÃO PAULO II. *Compêndio da Doutrina Social da Igreja*. 2004. (CDSI 487).

⁴² PAULO VI. *Humanae Vitae*. Roma: Libreria Editrice Vaticana, 1968. (HV 1).

⁴³ PAULO VI. *Humanae Vitae*. 1968. (HV 1).

⁴⁴ JOÃO XXIII. *Mater et magistra*. Roma: Libreria Editrice Vaticana, 1961. (MM 207).

humana⁴⁵”; a atitude de explorar predatoriamente revela um ser que não deseja a vida humana.

Em relação às perspectivas de matrimônio e patrimônio afirma-se que “as angústias das famílias tornam-se dramáticas, quando têm de enfrentar a doença de um ente querido sem acesso a serviços de saúde adequados, ou quando se prolonga o tempo sem ter conseguido um emprego decente⁴⁶” e, nesse sentido, se indaga: como se pode fundar um sacramento matrimonial, se não em conjunto com a perceptiva patrimonial?

Evidencia-se que o matrimônio é constitutivo, subsidiado e subsidiário de um projeto socioeconômico, e que a falência desse projeto é uma ação que tem por características separar o que Deus uniu, “As coerções econômicas excluem o acesso das famílias à educação, à vida cultural e à vida social ativa⁴⁷”.

Mediante as dimensões de economicidade, de sociabilidade e de parentalidade é legitimada na dignidade da pessoa a edificação de si no Reino de Deus, “Isto quer dizer que a Igreja, com a sua doutrina social, não entra em questões técnicas e não institui nem propõe sistemas ou modelos de organização social: isto não faz parte da missão que Cristo lhe confiou⁴⁸”. É preciso, nesse ponto, mostrar que a própria parentalidade – familismo – é um sistema e/ou modelo de controle socioeconômico.

Enquanto se pensar o mundo, com a ótica exclusivista dos sistemas de controle, seja ele econômico, social, ou parental, não se compreenderá a dimensão de vida humana que consiste na plenitude da essência administrativa, e que só o amor será capaz de superar a afirmativa de que “O atual sistema econômico produz várias formas de exclusão social. As famílias sofrem de modo particular com os problemas relativos ao trabalho⁴⁹”.

Há que se observar e refletir, segundo os ensinamentos da Igreja que é mestre e mãe. Mestre porque se dispõe a referendar o reino de Deus pelo princípio da pessoa em Cristo, Mãe porque perdoa, é misericordiosa, e se propõe a ajudar a curar as pessoas dos males que causam o pecado. Isso acontece por estarmos no reino em contingência, e por saber que “Deus deu a terra a todo o gênero

⁴⁵ FRANCISCO. *Laudato Si'*. 2015. (LS 92).

⁴⁶ FRANCISCO. *Amoris laetitia*. 2016. (AL 44).

⁴⁷ FRANCISCO. *Amoris laetitia*. 2016. (AL 44).

⁴⁸ JOÃO PAULO II. *Compêndio da Doutrina Social da Igreja*. 2004. (CDSI 68).

⁴⁹ FRANCISCO. *Amoris laetitia*. 2016. (AL 44).

humano, para que ela sustente todos os seus membros, *sem excluir nem privilegiar ninguém*⁵⁰.

Bento XVI (2008) adverte que, “na fecundidade do amor conjugal, o homem e a mulher ‘tornam evidente que, na origem da sua vida esponsal, existe um ‘sim’ genuíno, que é pronunciado e realmente vivido na reciprocidade, permanecendo sempre aberto à vida’⁵¹”, por isso, é na parentalidade que se forma:

Os homens para o amor e educá-los a agir com amor em todas as relações humanas, de modo que o amor fique aberto à comunidade inteira, permeado do sentido de justiça e de respeito para com os demais, cômico da própria responsabilidade para com a mesma sociedade⁵².

Assim, a dimensão de sociabilidade humana, precisa ser desenvolvida, em comum com a economicidade e a parentalidade. Percebe-se a imprecisão da dimensão do desenvolvimento humano quando se depara, com imensas riquezas, obras humanas esplendidas e de elevado *glamour*. Todavia, depara-se com a distância que estas obras provocam no seio da família humana “o sentimento de progressiva insatisfação, que se difunde nos países de alto nível de vida, desfaz a ilusão do sonhado paraíso terrestre⁵³”.

O ser humano revela o sentir e o significado; mais que a intensidade do toque, que pode revelar aconchego e/ou dor, está o fato de que o outro se permita ser tocado, assim tudo tem uma dimensão corpórea neste mundo. O cuidado e o amor são realizados em atitude de cada pessoa, a práxis de vida e vivência precisa manifestar nossa imagem e semelhança de Deus.

1.6. A RIQUEZA DE UMA VIDA EM COMUNHÃO

De fato, o ser humano não se entorpece com a ilusão do paraíso terrestre, mas também, não se desesperança com a vida e Graça de Deus. Há, no ser humano, a essência administrativa, que o possibilita avançar ao não possibilitado, mediante a ciência, a presença e a potência de amar. Implica dizer que o humano não quer voltar no tempo, para entrar no paraíso/jardim, mas deseja ser o paraíso/templo que habita na Criação e busca a Gloria de Deus.

⁵⁰ FRANCISCO. *Laudato Si'*. 2015. (LS 93).

⁵¹ BENTO XVI. *Dignitas Personae*. Roma: Libreria Editrice Vaticana, 2008. (DP 6).

⁵² JOÃO PAULO II. *Familiaris Consortio*. 1981. (FC 64).

⁵³ JOÃO XXIII. *Mater et magistra*. 1961. (MM 210).

O agir humano, por vezes, não percebe que, “o rico e o pobre têm igual dignidade, porque ‘quem os fez a ambos foi o Senhor’ (Pr 22, 2); ‘Ele criou o pequeno e o grande’ (Sab 6, 7) e ‘faz com que o sol se levante sobre os bons e os maus’ (Mt 5,45)⁵⁴”. Ninguém se faz pobre, mas é empobrecido, e também que Deus não fez/criou o ser humano grande ou pequeno, mas os fez, com capacidade de amar. E nesse sentido, “o meio ambiente é um bem coletivo, patrimônio de toda a humanidade e responsabilidade de todos. Quem possui uma parte é apenas para a administrar em benefício de todos⁵⁵”.

A essência administrativa possibilitada diante da esponsalidade com o Criador possibilita compreender as necessidades, as possibilidades e os subsídios para exaurir os males possíveis do Jardim, onde o ser humano edifica a Morada/Tempo do Espírito Santo, “se não o fizermos, carregaremos na consciência o peso de negar a existência aos outros⁵⁶”. O ser humano é o administrador e cocriador do reino, sua *práxis* se faz como elo entre a Graça e a providência Divina, ou seja, o ser humano é o *ad-minister* da Graça de Deus, mas é também, quando em pecado, um interceptador da Graça.

No entanto, diante de todas as riquezas, muitas pessoas continuam a querer sempre mais e “todos estes motivos contribuem para que a humanidade se dê mais plena conta das suas limitações e se volte para os valores do espírito⁵⁷”. Quando se nega o cuidado ao próximo, nega-se a ouvir o sangue de irmãos, que clama ainda pulsando nas veias, quando se recusa a ouvir o excluído, recusa-se a compreender “que significado possa ter o mandamento ‘não matarás’⁵⁸”.

Sob os preceitos do cultivo e do cuidado é possível afirmar que “Quem compreende a natureza como criação de Deus, não vê nela apenas as ‘obras’ de Deus, mas também os ‘rastros/vestígios de Deus’, os códigos e sinais ocultos da sua presença⁵⁹”, pois o mundo é o grande livro que Deus possibilita à vida humana, como que um rastro de Si mesmo.

É evidente a observação de que há no íntimo humano algo que se instiga, diante do livre-arbítrio, e isto está entre a solidão original e a esponsalidade com o Criador, então, o ser humano “se experimenta,

⁵⁴ FRANCISCO. *Laudato Si*. 2015. (LS 94).

⁵⁵ FRANCISCO. *Laudato Si*. 2015. (LS 95).

⁵⁶ FRANCISCO. *Laudato Si*. 2015. (LS 95).

⁵⁷ JOÃO XXIII. *Mater et magistra*. 1961. (MM 210).

⁵⁸ FRANCISCO. *Laudato Si*. 2015. (LS 95).

⁵⁹ MOLTMANN, 1993, p. 103.

como criatura que é, multiplamente limitado, por outro lado sente-se ilimitado nos seus desejos, e chamado a uma vida superior⁶⁰”.

O Si de Deus, que habita o íntimo humano, desperta para a essência administrativa, capacita-o a ser na criação, a imagem e semelhança do Criador, isso porque a corporeidade, como é de conhecer, não é a plenitude dos atos humanos, mais precisamente, corresponde à necessidade de desenvolvimento do reino.

Há muito mais potência em nossa razão do que possibilidade de ato em nosso corpo, assim se desenvolve a ciência, que possibilita ao ser humano tornar sua própria razão em ato realizável e, com isso, alarga sua presença na criação. Pontua-se, então, o ser humano que mediante a sua ciência, presença e potência, contribui para a onipresença, a onisciência e a onipotência de Deus.

Fala-se do ser humano que se desenvolve e, por isso, “é indispensável o ‘alargamento do nosso conceito de razão e do uso da mesma’ para se conseguir sopesar adequadamente todos os termos da questão do desenvolvimento e da solução dos problemas sócio-econômicos⁶¹”.

Mesmo porque “a pessoa, incluindo o corpo, está totalmente confiada a si própria, e é na unidade da alma e do corpo que ela é o sujeito dos próprios atos morais⁶²”. Diante da sponsalidade com o Criador é que se vai à essência administrativa e se possibilita “dilatara razão e torná-la capaz de conhecer e orientar essas novas e imponentes dinâmicas, animando-as na perspectiva daquela ‘civilização do amor’, cuja semente Deus colocou em todo o povo e cultura⁶³”.

CONSIDERAÇÕES

O desenvolvimento alçado à essência administrativa, significa o desenvolvimento de todo o ser humano e do humano todo, isto implica dizer que o domínio humano, prediz que, o ser humano deve conhecer, plenamente a criação de Deus. Quando se fala que a verdade liberta, se apresenta o ser humano ao amor. Neste sentido, é possível pensar a essência administrativa, possibilitada à sponsalidade com o Criador.

⁶⁰ PAULO VI. *Gaudium et Spes*. 1965. (GS 10).

⁶¹ BENTO XVI. *Caritas In Veritate*. 2009. (Civ 31).

⁶² JOÃO PAULO II. *Compêndio da Doutrina Social da Igreja*. 2004. (CDSI 127).

⁶³ BENTO XVI. *Caritas In Veritate*. 2009. (Civ 33).

A esponsalidade possibilita à vida humana, um diálogo de amor com o próprio Criador, os vestígios do amor de Deus, inscritos na criação, alimentam a esperança humana, movendo cada pessoa a administrar as possibilidades, as necessidades e os subsídios para que se possa, mesmo diante da contingência da terra/Criação, perceber o Reino de amor que já está, misteriosamente, presente à vida humana.

O desenvolvimento, implica pensar o cuidado e o amor, assim se edifica o *homo ad-minister*, cultivando e guardando o Jardim, enquanto caminha com o tempo e se prolifera. É possível se indagar: quando o ser humano se apresenta, unicamente, no sentido de prover o desenvolvimento sob as perspectivas econômicas, findando-se em um economicismo, se põe a construir a Torre de Babel, a construção que destrói, destrona e demoniza o próprio ser humano?

Neste sentido, se faz necessário a esponsalidade com o Criador e, desta a essência administrativa, para que assim se possa edificar a vida, de forma que os filhos possam se multiplicar e desenvolver a terra/Criação, mediante a essência administrativa, que possibilita ao ser humano ser o administrador dos mistérios de Deus. Volta-se a apresentar que as dimensões de sociabilidade, de economicidade e de parentalidade são as bases estruturantes da própria pessoa, e os elementos com os quais se pode administrar e cocriar a obra de Deus.

Do lucro de uma vida sem amor, que pauta a vivência humana sobre a perspectiva da exploração predatória, onde se cria sistemas de controles que inibem as potencialidades humanas, é preciso que se possa avançar para a riqueza de uma vida em comunhão. A vida em comunhão significa que a parentalidade está à serviço de toda a humanidade e, assim, a família/parentalidade é a unidade primeira da família humana, o ser humano se pauta sob a perspectiva de unipluralidade.

Dizer de unipluralidade é enfatizar o movimento necessário e existente na vida de cada pessoa, assim, se tem a identidade de pessoa e que, mediante a esponsalidade se faz parte da família humana. O gesto de amor de cada pessoa é o gesto pelo qual Deus administra a vida humana na terra, cada pessoa é convidada a ser o ato administrativo e cocriador de Deus na Criação.

REFERÊNCIAS

- BENTO XVI. **Caritas In Veritate**. Roma: Libreria Editrice Vaticana, 2009. Disponível em http://w2.vatican.va/content/benedictxvi/pt/encyclicals/documents/hf_ben-xvi_enc_20090629_caritas-in-veritate.html. Acesso em: 29 set. 2017.
- BENTO XVI. **Dignitas Personae**. Roma: Libreria Editrice Vaticana, 2008. Disponível em: http://www.vatican.va/roman_curia/congregations/cfaith/documents/rc_con_cfaith_doc_20081208_dignitas-personae_po.html. Acesso em: 29 set. 2017.
- BÍBLIA. Português. **Bíblia de Jerusalém. Nova edição revisada e ampliada**. São Paulo: Paulus, 8ª impressão, 2012.
- BRUNER, J. **Atos de significação**. 2. ed. Trad. Sandra Costa. São Paulo: Artmed, 2002.
- CLANDININ, D. Jean. CONELLY, F. Michael. **Pesquisa narrativa: experiências e história na pesquisa qualitativa**. Tradução: Grupo de Pesquisa Narrativa e Educação de Professores ILEEL/UFU. Uberlândia: EDUFU, 2011.
- FRANCISCO. **Amoris laetitia**. Roma: Libreria Editrice Vaticana, 2016. Disponível em: http://w2.vatican.va/content/francesco/pt/apost_exhortations/documents/papa-francesco_esortazione-ap_20160319_amoris-laetitia.html. Acesso em: 29 set. 2017.
- FRANCISCO. **Laudato Si'**. Roma: Libreria Editrice Vaticana, 2015. Disponível em: http://w2.vatican.va/content/francesco/pt/encyclicals/documents/papa-francesco_20150524_enciclica-laudato-si.html. Acesso em: 29 set. 2017.
- JOÃO PAULO II. **Compêndio da Doutrina Social da Igreja**. Roma: Libreria Editrice Vaticana, 2004. Disponível em: http://www.vatican.va/roman_curia/pontifical_councils/justpeace/documents/rc_pc_justp_eace_doc_20060526_compendio-dott-soc_po.html. Acesso em: 29 set. 2017.
- JOÃO PAULO II. **Evangelium vitae**. Roma: Libreria Editrice Vaticana, 1995. Disponível em: http://w2.vatican.va/content/paul-vi/pt/encyclicals/documents/hf_p-vi_enc_25071968_humanae-vitae.html. Acesso em: 29 set. 2017.
- JOÃO PAULO II. **Familiaris Consortio**. Roma: Libreria Editrice Vaticana, 1981. Disponível em: http://w2.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/apost_exhortations/documents/hf_jp-ii_exh_19811122_familiaris-consortio.html. Acesso em: 29 set. 2017.
- JOÃO XXIII. **Mater et magistra**. Roma: Libreria Editrice Vaticana, 1961. Disponível em: http://w2.vatican.va/content/john-xxiii/pt/encyclicals/documents/hf_j-xxiii_enc_15051961_mater.html. Acesso em: 29 set. 2017.
- MOLTIMANN, JURGEN. **Deus na criação: doutrina ecológica da criação**. Tradução: Haroldo Reimer; Ivoni Richter Reimer. Petrópolis: Vozes, 1993.
- PAULO VI. **Gaudium et Spes**. Roma: Libreria Editrice Vaticana, 1965. Disponível em: http://www.vatican.va/archive/hist_councils/ii_vatican_council/documents/vat-ii_const_19651207_gaudium-et-spes_po.html. Acesso em: 29 set. 2017.
- PAULO VI. **Humanae Vitae**. Roma: Libreria Editrice Vaticana, 1968. Disponível em: http://w2.vatican.va/content/paul-vi/pt/encyclicals/documents/hf_p-vi_enc_25071968_humanae-vitae.html. Acesso em: 29 set. 2017.
- RAHNER, Karl. **Teologia e Antropologia**. São Paulo, SP: Edições Paulinas, 1969.
- SANCHES, Mário Antônio. **Brincando de Deus(!) (?): bioética e as marcas sociais da genética**. 1. ed. São Paulo: Ave Maria, 2007.
- SPONHEIM, Paul R. **O conhecimento de Deus**. In: BRAATEN, CARL E.; JENSON, ROBERT W. (editores). **Dogmática Cristã**. São Leopoldo, RS: Sinodal, 1987. p. 203-272.